

Comunicados da Diretoria de Publicidade Agrícola, da Secretaria da Agricultura

“DUAS AMEAÇAS A AGRICULTURA PAULISTA”

O Departamento de Defesa Sanitária da Agricultura, por intermédio da Diretoria de Publicidade Agrícola, traz ao conhecimento de nossa lavoura o seguinte:

“Notícias procedentes de diversas zonas agrícolas do Estado, informam-nos o aparecimento de lagartas altamente daninhas, ocasionando estragos em diversas culturas e com prenúncios de ataques severíssimos e generalizados por todo o território paulista.

Trata-se de duas espécies de lagartas, muito conhecidas dos lavradores pelas denominações de “lagartas dos milharais, arrozais e capinzais” e também “curuquerê do capim”. São cientificamente denominadas *Laphigma frugiperda* e *Mocis repanda*, respectivamente.

Ambas têm hábitos alimentares mais ou menos semelhantes e são polípagas, isto é, alimentam-se de várias plantas, quer cultivadas ou em estado selvagem.

Em determinadas épocas, aparecem tais lagartas em verdadeiros exércitos, que invadem as pastagens, as roças de milho, os arrozais, algodoais, os alfafais e outras culturas, ocasionando, geralmente, danos irremediáveis.

Estas lagartas, em regra geral, dão sinal de si no período do ano entre os meses de novembro a março. Anos há em que aparecem de novembro a dezembro, e em outros em fevereiro e até mesmo em fins de março.

Durante este tempo é necessário que os lavradores fiquem vigilantes, afim de não serem apanhados de surpresa.

Descobertas as primeiras manifestações das lagartas, no início da invasão, torna-se, relativamente, fácil exterminar a praga, pelos meios adiante indicados, evitando que esta se alastre por

tôda a plantação, o que tornaria seu combate tarefa muito mais difícil.

As lagartas da mariposa **Laphigma frugiperda**, no início da infestação, vivem sôbre tôda sorte de capim, plantas estas que constituem o seu alimento predileto. Quando a infestação pela praga se torna mais intensa, com surtos migratórios, seus ataques generalizam-se às demais plantas. As culturas que maiores danos sofrem pelos ataques dessas lagartas, são os milharais, os arrozais e os capinzais e, não raro, os algodoads.

As lagartas, no seu máximo desenvolvimento, medem de 30 a 36 milímetros de comprimento, são de coloração que varia de verde-violeta-escuro e pardacento-escuro, às vezes quase preta. Sôbre o corpo, notam-se cinco estrias longitudinais amareladas; a cabeça é quase negra, trazendo, como característico, três estrias brancas, que tomam a forma de um "V" invertido. Após 20 a 30 dias, abandonam as lagartas a planta hospedeira e procuram abrigo no solo, a um centímetro de profundidade, mais ou menos, onde se transformam em crisálidas. Decorridos 10 a 12 dias, sai a mariposa. Esta tem as asas superiores pardo-escuras e as inferiores esbranquiçadas e translúcidas, com a margem externa e o bordo anterior escuros. A mariposa põe os ovos em grupos de 50 a 100, na página inferior das fôlhas.

A lagarta da outra mariposa, **Mocis repanda**, tem o corpo cilíndrico, delgado, medindo de 30 a 40 mm., de comprimento. É de coloração geral escura, apresentando, em cada uma das partes dorsal e ventral, uma estria longitudinal, pardo-clara, que se acha limitada por outras estrias amarelas. Sua cabeça é preta, apresentando, como sinal característico, numerosas riscas longitudinais irregulares, amarelas. Outra particularidade que bem caracteriza esta lagarta, é o seu modo de locomoção, a maneira das lagartas "mede palmos".

As lagartas dessa última espécie são altamente nocivas, constituindo terrível praga. De um momento para outro, sempre em quantidade verdadeiramente ameaçadora, como verdadeiros exércitos, invadem os milharais, os arrozais, os alfafais, bem como os capinzais e outras culturas. Ao fim de seu ciclo larval, elas tecem um casulo entre as dobras das fôlhas das plantas que

atacam, permanecendo em estado de crisálida de 10 a 18 dias. Terminada esta fase aparece a mariposa que é de coloração geral pardo-escuro e mede de envergadura 42 mm. Em repouso, conserva-se o inseto de asas fechadas, tomando estas uma forma triangular.

A mariposa põe os ovos sobre as próprias plantas que infesta ou nas plantas nativas, próximas, fixando-os na página inferior das folhas. Desses ovos surge nova geração da praga.

COMBATE

Nas culturas — Como dissemos, estando o lavrador vigilante o combate às lagartas nas culturas de milho, arroz, algodão, etc., deve ser feito logo que elas aparecem, pois qualquer atraso pode ser fatal. Nesta ocasião o lavrador poderá destruir pelo fogo a pequena parte atacada ou tratá-la com o seguinte inseticida:

ARSENIATO DE CHUMBO EM PÓ.....	300 grms.
VERDE PARIS.....	200 grms.
ÁGUA.....	100 litros
GRUDE DE AMIDO DE MANDIOCA COSIDO...	1 quilo

As 300 grms. de arseniato de chumbo em pó podem ser substituídas por 800 grms., de arseniato de chumbo em pasta.

O ingrediente adesivo deve ser primeiramente coado para não obstruir o bico do pulverizador. É necessário que as aplicações sejam efetuadas sob a forma de borrifo bastante fino, por meio de pulverizadores com agitador que mantenham o veneno sempre em suspensão no líquido. Toda a planta deve ser molhada, principalmente a parte interna das ramagens e a face inferior das folhas.

Nos pastos — Nos pastos, capinzais etc., onde a aplicação de inseticidas venenosos é anti-econômica, torna-se necessário o uso de meio mecânico.

Nos capinzais e invernadas de campim baixo pode-se proceder ao esmagamento das lagartas e das crisálidas, arrastando-se sobre a pastagem um rolo pesado de madeira ou de cimento ou,

sacos resistentes cheios de areia ou terra, ou na falta destes: feixes de bambú ou galhardas, tiradas por animais, levando tudo de roldão. Os terrenos cultivados com alfafa ou capinzal, são geralmente, mais ou menos aplainados, de sorte que se prestarão bem a este processo de combate.

De uma maneira geral, também pode-se isolar as áreas atacadas, **culturas ou pastos**, por meio de valetas tendo por finalidade impedir que as lagartas passem para as partes ainda não atacadas. Essas valetas podem ter 20 a 30 centímetros de profundidade, por 30 centímetros de largura. A parede dessas valetas que ficar do lado oposto ao talhão atacado, deve ser em corte vertical, para impedir a subida das lagartas sendo a do lado do talhão atacado em ligeiro declivo, para facilitar a marcha das lagartas para o interior da valeta. Aí as lagartas são facilmente destruídas.

Os casos aparentes de resistência das lagartas aos inseticidas usualmente empregados, têm por origem diversas causas. As vezes é devido ao fato das lagartas já estarem na ocasião de abandonar a planta para crisalidar, deixando de se alimentar, rejeitando, com extrema facilidade, as fôlhas tratadas, não sendo portanto envenenadas. Também a má qualidade dos inseticidas empregados tem sido a causa de muitos insucessos.

Os agricultores, no seu próprio interesse, devem adquirir o arseniato de negociante idôneo ou do Instituto Biológico, evitando, assim, a aquisição de produtos adulterados. Nos casos em que haja dúvida sobre a eficiência do inseticida, o agricultor deverá remeter amostra com o nome e endereço do vendedor a este Instituto, afim de ser examinado e tomadas as providências necessárias.

Os lavradores encontrarão à venda no Instituto Biológico, tanto o "VERDE PARIS", como os arseniados, que se indicam à extinção da praga. Os preços em vigor são os seguintes:

ARSENIATO DE CHUMBO AMERICANO	Cr.\$10,00
" " "	NACIONAL Cr.\$ 9,00
" " "	ESTRANGEIRO	
	REACONDICIONADO	Cr.\$ 9,00
VERDE PARIS ESTRANGEIRO	Cr.\$13,00

Os pedidos deverão ser encaminhados ao Departamento de Defesa Sanitária da Agricultura, — Caixa Postal, 119-A, em São Paulo, acompanhados dos cheques respectivos. Deve constar dos mesmos dados sobre a área a ser protegida e a praga que se pretende controlar”.

A LAVOURA EM ABRIL

A mandioca — Replante dos Cafezais — Algodoeiro

Notas de autoria do Prof. Carlos Teixeira Mendes

A MANDIOCA — Já ficou dito que desde fins de fevereiro podemos iniciar a plantação da mandioca de ano e meio. Como, porém, esse mês deve ser ainda muito chuvoso, preferível se torna o mês de março, porque é menos úmido e as ramas estão próximas ao seu período de repouso. Pelos mesmos motivos, abril é tão bom quanto o precedente, e às vezes melhor mesmo, se não faltar umidade; daí por diante será duvidoso.

Em anos normais, em terras silicosas, é perfeitamente viável a plantação da mandioca em abril. Ela dispõe de tempo bastante para brotar e enraizar suficientemente antes da seca se pronunciar, tornando-se capaz de atravessá-la sem prejuízo, por isso que se trata de uma planta notavelmente resistente às estiagens prolongadas. Ela oferece ainda a grande vantagem de suportar, sem dano, geadas fortes, enquanto pouco desenvolvida. Isso já não ocorre quando está atingindo pleno desenvolvimento, com suas raízes formadas. A mandioca de março ou de abril pouco tempo tem para crescer antes do inverno, de modo que apresentará pequeno porte, raquítico mesmo, durante esse período, à espera de tempo mais quente.

Com as primeiras chuvas, iniciará verdadeiramente o seu primeiro ciclo vegetativo, com um sistema radicular fino, mas longo. Esse processo de plantação alonga o período de vegetação, ao qual irá corresponder um aumento da produção.

REPLANTA DOS CAFEZAIS — O mês de abril presta-se tanto como o de março, para replantar os cafezais “mudas de

tôco”, como já foi descrito. Abril pode mesmo ser melhor, se tiver havido abundância de chuvas anteriormente e o solo ainda contiver umidade bastante.

COLHEITA DE MILHO, FEIJÃO E BATATINHA — Abril é o mês durante o qual se intensificam as colheitas. Dentre elas sobressai a do milho, que já deve estar completamente maduro e sêco, pelo menos o que foi semeado precocemente.

Nada diremos sobre essa colheita, já que é tão conhecida entre nós e para a qual não empregamos ainda máquinas especiais, conquanto já existam. Do mesmo modo já podemos ir pensando na colheita do feijão e da batatinha, que porventura tenham sido plantados em fins de janeiro. Como, porém, essas colheitas são mais comuns em maio, a elas nos referiremos quando tratarmos das produções desse mês.

ALGODOEIRO — Se o algodoeiro foi bem cultivado e tratado até o mês de março, êle oferecerá agora seus frutos em plena deiscência. Tratando-se de culturas de semeadura precoce, a primeira colheita dos “baixeiros” já deve ter sido realizada; ao contrário, tratando-se de culturas iniciadas depois de outubro, provavelmente só agora iremos realizar a primeira colheita. Como neste caso há os dois tipos de algodão — o de frutos mais próximos ao solo, os primeiros que se abriram, e o do meio da planta, que só agora começam a se abrir com mais razão deveremos insistir na separação desses dois produtos. O primeiro algodão, geralmente colorido pelos respingos das últimas chuvas de março, não deve em caso algum ser misturado com o que se conservou limpo. Os “maquinistas” já prestam atenção nisso e pagam diversamente os tipos de algodão: tanto maiores diferenças estabelecerão quanto mais progredirmos em relação a essa cultura.

Insistir, pois, nos cuidados inerentes a uma colheita melhorada, procurando obter produto limpo, é dever de todos que desejam melhor remuneração para suas colheitas.

Fenos e Silagens

FENOS — Todo o criador que se ocupa em criações de cavallares, de muares ou de bovinos, deveria viver preocupado com a

estação invernosa e sêca que, começando em junho, se prolonga às vezes até novembro.

Durante êsse período secam as pastagens, escasseiam os alimentos, em consequência do que emagrecem os animais e perdem-se crias novas por falta de alimentação adequada.

Repisar, portanto, o mesmo assunto nunca será demasiado.

Um dos recursos para atravessar êsses meses críticos é aquêlle que consiste em armazenar fenos bem curados em galpões, ou mesmo em medas ao relento, desde que sejam utilizadas antes da entrada das chuvas de verão.

Um feno para ser bom, deve ser alimentício, macio e bem curado. Destas, a primeira qualidade provém da espécie e da idade da planta, a segunda principalmente da idade com que é cortada e a terceira dos cuidados do agricultor. Produzem bons fenos os capins Jaraguá, Cloris, Gordura, Kikuio e outros. E' condição essencial para produzir feno macio, com o máximo de riqueza, que sejam cortados antes de florescerem, principalmente em se tratando do primeiro, que deve ser ceifado mais novo que qualquer outro, bem novo mesmo, de pequeno desenvolvimento, porque do contrário só produzirá feno grosseiro, menos apetecido pelos animais.

Quando destinarmos para feno um talhão qualquer dêstes capins, em virtude de não desejarmos cortá-los florecidos, devemos fazer um corte, ou deixá-los pastar pelos animais, até praticamente dois meses antes do corte que se destina a ser fenado.

Suponhamos que, em meados de fevereiro, realizamos aquêlle corte preparatório ou que deixámos até aquêlle momento o gado pastar no capinzal para ser logo daí retirado. Se considerarmos que durante os dois meses que se seguem, de meados de fevereiro a meados de abril, ainda haverá calor bastante e chuvas abundantes, concluiremos que êsses capins têm tempo para crescer e produzir um corte que, sem ser dos mais abundantes, reúne contudo as melhores condições: gramíneas que não florescem, ricas de brotação nova, exatamente a que contém maior riqueza mineral e valor alimentício, prontas para serem fenadas em mês fresco e sêco, como convém a essa operação. De modo idêntico podemos